

comércio

PMS	FMLF	GERIN
BIBLIOTECA		
Jornal	A Tarde	
Data	26/04/92	
Caderno	Página 3	
Seção		
Assunto		

A história da Rua Portugal

Discrepando sobre o feito glorioso de Sacadura Cabral e Gago Coutinho, os primeiros, em todos os tempos, a realizarem a travessia aérea do Atlântico Sul, disse Adinoel Motta Maia, num de seus artigos dominicais, que "nada existe, aqui, como testemunho da ocorrência, para lembrar aos que passam pelos lugares visitados, a presença dos intrépidos navegadores". Menciona Adinoel um relatório do Centro de Estudos da Marinha, que lhe chegou às mãos "por gentileza do Consulado Português", para dizer que ele "nada informa sobre o que fizeram Cabral e Coutinho nos cinco dias em que passaram em Salvador". Muito já se escreveu sobre este assunto e eu não sei porque o relatório omitiu-se neste detalhe. Talvez por ser, basicamente, um relatório técnico. Talvez. Permito-me, então, dar uma pequena ajuda ao esclarecimento da questão, dizendo, desde já, que não se limita à Praça Gago Coutinho (realmente um simples estacionamento de automóveis), situada em frente ao Aeroporto Dois de Julho, a homenagem da Bahia aos dois bravos aeronautas. A comprovação do nosso apreço e do nosso orgulho pelo grande feito está, principalmente, na

aclamações populares, a Rua Portugal. E tal foi a urgência, que as placas não ficaram prontas a tempo, e essa parte complementar da homenagem foi efetivada, mais tarde, no dia 28 de maio de 1924, motivando novas manifestações de entusiasmo e aclamações aos nomes de Portugal e dos gloriosos aeronautas. As placas, de feição artística, fundidas em bronze, foram oferecidas pela

Cia. Valença Industrial, e, até hoje, podem ser vistas nas esquinas da Rua Portugal com a Praça Cairu e a Rua Pinto Martins.

DESASTRE DE AVIÃO

Gosto muito deste assunto e vou prosseguir contando mais alguma coisa. Recordo, então, que Sacadura morreu cedo, vítima de um desastre com o seu avião, no dia 19 de novembro



Fotos: Afrânio Félix

Os transeuntes de hoje mal se dão conta do momento histórico que a rua simboliza

realizado, até então, o vôo mais extenso da aviação comercial. Durante toda a viagem, feita em 21 horas e 48 minutos, Gago Coutinho, apesar de seus 82 anos, manteve-se jovial e muito "orgulhoso" com a condição de "tripulante extra" (como se diz em aviação), na qualidade de "navegador honorário". Sua única *queixa* foi a não-inclusão de aeronaves na tripulação...

armadas. No final de 1919, como os brasileiros não se mostrassem interessados em participar da idéia, Sacadura Cabral foi autorizado pelo governo português a contactar fábricas inglesas, francesas e italianas. Acabou optando pela inglesa "Farey", na qual foram

interior de Angola, na antiga África Portuguesa. Sacadura expôs seu projeto e as suas preocupações sobre as dificuldades que a viagem envolvia no campo da navegação aérea. Gago Coutinho, na época, já aos 51 anos de idade, prometeu estudar o assunto e, passados

adquiridos dois hidroaviões monomotores. Mas — pensou ele — como fazer navegação aérea de precisão, numa longa travessia sobre o mar? Sacadura lembrou-se, então, do seu camarada, capitão-de-mar-e-guerra Carlos Viegas Gago Coutinho, também geógrafo, navegador e homem de ciência de renome. Além de amigos, haviam sido companheiros em árduos trabalhos de delimitação de fronteiras no

alguns meses de trabalho, do qual Sacadura também participou, encontrou uma solução. Idealizara um *corretor de rumos* para resolver, em vôo, o desvio do avião pela ação dos ventos, ficando o resto a cargo da observação astronômica, através de um sextante para a navegação marítima, com modificações por ele introduzidas, sextante que permitiria observar posições tanto em horizonte de mar (como os aparelhos semelhantes vulgares), como em *horizonte artificial*. E em março de 1921, numa viagem aérea, entre Lisboa e a Ilha da Madeira, eles experimentaram, com êxito, o novo sextante, o que levou Gago Coutinho a escrever, num relatório: "Ficou demonstrado que os nossos processos, adaptados da navegação marítima, eram suficientes para demandar, com exatidão, qualquer ponto afastado da Terra, por pequeno que fosse, recurso este que se tornou muito essencial em uma projetada viagem aérea de Lisboa ao Brasil". Este assunto é fascinante. Empolgante, mesmo. E não haveria espaço que coubesse. Fico por aqui.



FERNANDO HUPSEL DE OLIVEIRA é jornalista e colunista de A TARDE.

(realmente um simples estacionamento de automóveis), situada em frente ao Aeroporto Dois de Julho, a homenagem da Bahia aos dois bravos aeronautas. A comprovação do nosso apreço e do nosso orgulho pelo grande feito está, principalmente, na Rua Portugal, ainda hoje uma das principais artérias do Comércio, muito conhecida e transitada. Recordo a história: depois de tormentosas peripécias, vencidas com audácia e perseverança, Sacadura Cabral e Gago Coutinho aqui chegaram no dia 8 de junho de 1922, no pousando nas proximidades da ponta norte do quebra-mar interno, defronte de Água de Meninos. Os cinco dias que aqui permaneceram foram outros tantos dias de contínuas manifestações de regozijo público, de festas particulares e oficiais, com o povo baiano e a colônia portuguesa intimamente consorciados pelos mais vibrantes sentimentos de civismo e patriotismo e por um só pensamento: glorificar Portugal.

No dia 13, pela manhã, Gago Coutinho e Sacadura Cabral partiram rumo ao Rio de Janeiro, onde chegaram no dia 17 de junho, com escalas em Porto Seguro e Vitória. Mas, em todo o Brasil, foi o Conselho Municipal de Salvador o primeiro poder público que teve a iniciativa de homenageá-los ao dar o nome de *Portugal*, a uma das principais ruas da cidade, e que, até então, chamava-se Rua das Princesas.

A *resolução*, de autoria do vereador Arthur Alves Peixoto, com uma emenda substitutiva de Virgílio Américo da Cunha Gonçalves, foi aprovada em tempo recorde, para que a inauguração da rua fosse feita ainda com a presença dos bravos aeronautas. Assim, no mesmo dia da *sanção* do projeto — 10 de junho de 1922 — foi, oficialmente, inaugurada, entre

a Praça Santa Rosa e os

Martins.

DESASTRE DE AVIÃO

Gosto muito deste assunto e vou prosseguir contando mais alguma coisa. Recordo, então, que Sacadura morreu cedo, vítima de um desastre com o seu avião, no dia 19 de novembro de 1924, quando realizava um voo entre Amsterdam e Lisboa. Gago Coutinho, entretanto, viveu por muito mais tempo, chegando aos 90 anos. E, por algumas vezes, viajando de navio, passou por Salvador, rumo ao Rio de Janeiro, cidade que ele gostava muito.

Repórter marítimo de A TARDE,

entrevistá-lo nessas suas passagens por aqui, tornando-me, por esses contatos, um conhecido seu. Mas houve dois momentos de maior aproximação com ele: primeiro, quando Gago Coutinho aqui veio especialmente para participar de uma festa aviatória (batismo de vários aviões para o Aeroclube da Bahia), realizada no dia 30 de julho de 1942, e o outro, no dia 28 de dezembro de 1953, a bordo de um *Constellation* da antiga Panair do Brasil que, então, realizou um feito sem precedentes na aviação comercial: voar diretamente de Lisboa ao Rio de Janeiro, sem escalas.

O almirante Gago Coutinho — seu título na Marinha portuguesa — foi o convidado de honra desse voo memorável, do qual também participaram, além de Paulo Sampaio, presidente da Panair; o jornalista Assis Chateaubriand, o engenheiro Alberto de Mello Flores, chefe de gabinete do ministro da Aeronáutica; Mozar Varela, chefe do Serviço de Imprensa daquela companhia aérea, este jornalista e alguns outros convidados. O avião tinha o prefixo PP-PDF, no seu comando estavam Paulo Lefèvre (comandante-mor), Décio Vilhena e Valdemar Samico, e a sua façanha deu ao Brasil a glória de ter

Coutinho, apesar de seus 82 anos, manteve-se jovial e muito "orgulhoso" com a condição de "tripulante extra" (como se diz em aviação), na qualidade de "navegador honorário". Sua única *queixa* foi a não-inclusão de aeronôvas na tripulação... Com efeito, pelas suas circunstâncias de voo, só havia tripulantes masculinos. Conversei, muito, com o *velho amigo* Gago Coutinho. Não vou repetir, aqui, o relato do "raid" de 1922, tantas e tantas vezes contado. Mas lembro-me de ter



O almirante Gago Coutinho, herói da aviação lusitana.

ouvido dele esta afirmativa singela, referindo-se à recepção que teve em Salvador: "Não foi tão grande a façanha para justificar a manifestação que tivemos do povo baiano. E, creio, ou melhor, tenho a certeza que influiu muito nas homenagens que recebemos, o sermos portugueses".

IDÉIA DE SACADURA

E não quero omitir uma revelação que me fez Gago Coutinho, referente à sua participação no "raid" Portugal-Brasil. Disse-me ele que foi, efetivamente, Sacadura Cabral (a quem se refere com um grande carinho) o autor da idéia do "raid". Piloto-aviador da Marinha portuguesa, o capitão-tenente Arthur de Sacadura Cabral, quando da visita do presidente do Brasil, Epitácio Pessoa, a Portugal, em 1919, idealizou um voo comemorativo, que seria realizado por dois aviões — um português, outro brasileiro — que tentariam, em sentidos contrários, mas simultaneamente, a travessia do Atlântico Sul, apoiados por navios das respectivas

idêntica, Sacadura foi autorizado pelo governo português a contactar fábricas inglesas, francesas e italianas. Acabou optando pela inglesa "Farey", na qual foram

envolvia no campo da navegação aérea. Gago Coutinho, na época, aos 51 anos de idade, estudou o assunto e,

RUA
PORTUGAL
LOG. 1255



A artística placa de bronze ainda pode ser vista na tradicional rua.